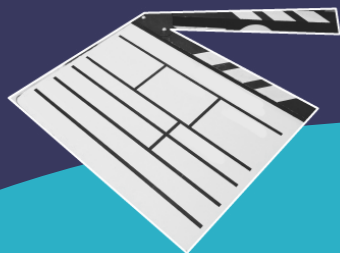




Capítulo 2:

O “elo” entre jovens e televisão: um horizonte de análise midiática

*Fazer televisão, assistir à televisão não é algo externo,
mas interno à vida social. O espaço televisivo não existe
paralelamente às nossas experiências, mas é uma delas.*
(Vera França)



Na constituição e significação da vida humana, a televisão vem ocupando um papel importante. Como dispositivo midiático, a televisão tem tornado possíveis novas formas de sociabilidade, criado novos espaços e novas situações de interpelação dos públicos juvenis e, com isso, vem interferindo e/ou modelando parte de suas relações sociais. Segundo Thompson (1999), os meios técnicos – aqui a televisão – transformaram a natureza da experiência e da interação nas sociedades modernas. Esse impacto facilitou a interação através do tempo e do espaço e modificou a maneira como as pessoas agem umas com as outras. Os dispositivos midiáticos também alteraram o processo de recepção e as formas como as mensagens são publicizadas e recebidas.¹ Aliás, já foi constatado que, desde a invenção da escrita, os dispositivos midiáticos têm afetado nossas vidas cotidianas e transformado nossas relações humanas (Cf. ONG, 1998). A escrita da linguagem tecnológica nos toca com seus estímulos visuais e sonoros. Assim, como já destacado por Martín-Barbero (2001), os dispositivos midiáticos nos atravessam com suas novas formas de escrita, de imagens e de oralidades, mudando nosso modo de perceber, ler e escrever o mundo.

Neste cenário, a televisão tem sido uma fonte importante de informação, de sedução e de poder nas conversas cotidianas



1 Na perspectiva de Antunes e Vaz, os meios de comunicação se comportam como dispositivos midiáticos ao articularem algumas características específicas: é “uma forma de manifestação material dos discursos, de formatação dos textos; um processo de produção de significação e estruturação do sentido; uma maneira de modelar e ordenar os processos de interação é um processo de transmissão e difusão de materiais significantes” (2006, p. 47).

dos jovens, as questões vivenciais juvenis se tornaram aí um cenário de destaque. Na publicação *Remoto Controle*, sob coordenação de Vivarta (2004), destaca-se que a televisão vem acumulando experiências bem sucedidas na busca por uma maior interlocução com essa nova geração. Ela exerce um enorme poder de influência na formação de valores, discursos, hábitos e modos de ser entre os jovens.

Segundo dados de várias pesquisas, os jovens brasileiros passam “tempos” significativos em frente à televisão, no mínimo quatro horas por dia.² Sendo esse dispositivo de comunicação uma fonte importante de lazer para eles. Na pesquisa *Jovem Brasil*³ para a questão “Por que os jovens assistem a TV?”, as respostas foram: “falta do que fazer”, “para ter informações”, “para me divertir”, “para relaxar”, “para não pensar nos problemas”, “para trocar ideias”. Essa realidade nos coloca diante do desafio de entender melhor a interseção entre a televisão e o cotidiano dos jovens.

Portanto, o debate sobre a relação jovem-televisão implica, necessariamente, abordar a *interface entre mídia e vida social*, reconhecendo que o jovem é um dos públicos mais significativos deste dispositivo de comunicação. A televisão influencia

2 Ver: Pesquisa *A voz dos adolescentes*. Estudo do Unicef de 2002, de âmbito nacional, que ouviu o que os adolescentes brasileiros pensam sobre escola, trabalho, família, amigos, futuro, entre outros. Foram entrevistados 5.280 adolescentes, entre 12 e 17 anos. Pesquisa *Juventude: cultura e cidadania*, realizada pela Fundação Perseu Abramo em 1999, que ouviu 1.806 jovens de 15 a 24 anos.

3 Pesquisa realizada pela CPM Market Research, em abril de 2000. Foram ouvidos 2.098 jovens.

o cotidiano, o comportamento e o imaginário dos jovens. Para muitos, a TV é passatempo, mas pode “fazer a gente aprender coisas”; para outros, a TV é o lugar do vazio, não ensina nada, ao contrário, “estraga” a juventude. Há ainda os que pensam que a TV dá à sociedade uma pauta, uma agenda de conversa; e outros, para quem a TV é o emblema da indústria cultural capitalista. Inserem-se, aqui, especialmente as empresas especializadas na criação, na promoção e na inovação de produtos e culturas para o público jovem.

2.1 Televisão e juventude

Grande parte dos autores⁴ que estuda a relação televisão-juventude busca compreender a forma como a TV atua na área dos valores, das emoções, das identidades e dos processos de subjetivação juvenis. Interrogam-se como a televisão incide na construção de uma imagem de jovem e a difunde em sua programação, a partir de representações presentes na vida social. Considerando o processo de midiaticização da cultura e, nela, o dispositivo televisivo, Martín-Barbero observa que, hoje,

a cultura se produz e circula pelo mundo da imagem e das oralidades: dois mundos que vivem, justamente, da hibridização e da mestiçagem do revolvimento de memórias territoriais com imaginários des-localizados. O livro continua sendo a chave da primeira

4 Cf. ANDRADE (2003, 2005); Baccega (2002); Fischer (1999, 2001, 2002); Tilburg (1997).

alfabetização formal que, em vez de fechar-se sobre si mesma, deve hoje pôr as bases para essa segunda alfabetização que nos abre às múltiplas escrituras, hoje conformando o mundo do audiovisual e da informática. É por essa pluralidade de escritas que passa, hoje, a construção de cidadãos, que saibam ler tanto jornais como noticiários de televisão, videogames, vídeos e hipertextos (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 61-62).

Analisar como os jovens interagem com a mídia e, mais especificamente, com a televisão, é revelador se quisermos compreender modos de “ser jovem” na vida contemporânea. Torres-Morales (2002, p. 6) nos lembra que, enquanto sistema de representação simbólica, o dispositivo televisivo “estabelece uma relação emocional com o telespectador, tornando-se assim uma presença constante nos diálogos e no dia a dia de seu público”. Contudo, para compreendermos a complexidade desse processo de interação, é preciso superar as abordagens baseadas nas tendências “positivistas” e nas teorias de simples causa-efeito (instrumentalistas), que perduram em alguns estudos sobre os dispositivos midiáticos (WOLFE, 1987 apud TORRES-MORALES, 2002, p. 7). Tais estudos, como já demarcado no capítulo anterior, se fixam no sentido instrumental da tecnologia – aspecto ampliado pelas recentes pesquisas em comunicação, segundo as quais os instrumentos tecnológicos são algo bem mais complexo. Na perspectiva de Torres-Morales (2002, p. 7), para entender a televisão na sua complexidade, há que se aprofundar o conhecimento sobre a relação estabelecida entre os sujeitos, o seu contexto social e a mídia. Observar, mapear a pluralidade

dessa complexidade pode nos trazer dados de grande riqueza educacional, social, cultural e político-econômica.

Outros autores têm ponderado que a relação que o jovem mantém com a televisão pode acrescentar novos elementos (subentenda-se “não nocivos”) para seu desenvolvimento humano: o “avanço da tecnologia televisiva poderá contribuir para a compreensão dos elementos constitutivos da identidade juvenil, cada tecnologia, ao invés de destruir, acrescenta novos elementos à tradição humana” (TILBURG, 1997, p. 232). Na tessitura da vida juvenil, a mídia – e, de modo particular, a televisão – tem ocupado posição de destaque. Portanto, “mais do que criticar cegamente a televisão, impõe-se a necessidade de analisar sua programação, reconhecendo o quanto é capaz de influenciar o processo de formação de jovens” (VIVARTA, 2004, p. 9). A mídia participa “da constituição das subjetividades ao produzir imagens, significações e saberes que, de alguma forma, se dirigem à ‘educação’ das pessoas, propondo-lhes modos de ser e estar na cultura” (FISCHER, 2006, p. 7). A televisão é, portanto, um complexo “aparato cultural-econômico”, envolvendo a produção, veiculação e consumo de imagens, sons, informação, publicidade e divertimento, com uma linguagem própria. Nas palavras de Fischer,

ver e olhar, de um modo geral, ou especificamente estar diante da TV, olhar suas imagens pode significar uma série muito ampla de ações e objetivos: posso olhar para obter conhecimento, para ter notícia de alguma coisa, para observar como algo acontece, para reproduzir ou imitar um gesto ou

simplesmente para me distrair com o que vejo. O ato de olhar [...] remete a um trabalho possível (e necessário) em relação a ultrapassar as chamadas evidências, a ir além do que nos é dado a ver de imediato – justamente porque sempre olhamos de algum lugar, a partir de um ponto de vista intuído, exercitando o aprendido (FISCHER, 2006, p. 56-57).

Nesse sentido, Martín-Barbero (2001, p. 13) sugere que o meio televisivo deve ser analisado como “mediação ‘tecno-lógica’ e cultural”. Com sua tecnicidade (habilidade de fazer, de expressar, de criar e de comunicar), a televisão propõe “novos modos de perceber, ver, ouvir, ler e aprender novas linguagens, novas formas de expressão, de textualidade e escritura”. Através das “hibridações entre tecnicidade e visualidade”, a televisão se destaca como

uma experiência comunicativa que participa tanto do processo de “des-construção” como do processo de “re-construção” das identidades coletivas, lugar onde se trava a estratégica batalha cultural do nosso tempo (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 14).

2.2 Breve olhar sobre os programas televisivos para jovens

Os programas televisivos para os jovens aparecem na televisão brasileira, num primeiro momento, de forma bastante dispersa e sem uma preocupação com questões mais específicas do

mundo jovem.⁵ Na produção *Remoto controle*, Veet Vivarta (2004) destaca que, na década de 50, não podemos dizer que há programas juvenis. O interesse do público juvenil acaba voltado para alguns programas caracterizados como infantis. Na TV Tupi, se destacavam a *Gincana Kibon* (1952), a *Sabatina Maisena* (1952), o *Teatrinho Trol* (1956-1966); na TV Record, a *Grande Gincana Kibon* (1954) e a novela *Poliana* (1956).

Ainda para Vivarta (2005), na década de 60, a programação para jovens tem função basicamente de entretenimento e de um viés cultural e educativo. Concursos de música começam a atrair o público jovem, principalmente com a MPB. No ano de 1965, na TV Record, estreia o programa *Jovem Guarda*, exibido aos domingos à tarde. O programa traz vários ídolos: Roberto Carlos, Erasmo, Martinha.⁶ Na TV Cultura, Walter George Durst produz o programa *Jovem Urgente* (1968), apresentado pelo psicoterapeuta Paulo Gaudêncio. O programa busca orientar os jovens diante do quadro de mudanças (sociais, políticas e comportamentais) daquele momento. Os convidados debatem sobre culturas, sexualidades, liberdades e conflitos geracionais. Ainda em 1969, a TV Cultura produz o *MPB Especial*. As emissoras lançam também alguns progra-

5 O quadro histórico dos programas televisivos (item 2.2) e o histórico do programa *Malhação* (item 2.4) foram pesquisados a partir de publicações específicas: VIVARTA, Veet. *Remoto controle: linguagem, conteúdo e participação nos programas de televisão para adolescentes*. Brasília: ANDI; UNICEF; São Paulo: Cortez, 2004; REVISTA CAPRICHOSO. Boca no trombone. In: *Edição Especial Malhação 10 anos*. São Paulo: Editora Abril, 2005; e o site <http://www.tudosobretv.com.br/>.

6 Nesse mesmo ano, "a TV Excelsior realiza o I Festival de Música Popular Brasileira. Edu Lobo e Vinícius de Moraes recebem o primeiro lugar com a música 'Arrastão', interpretada por Elis Regina". Disponível em: <http://www.tudosobretv.com.br/historvtv60.htm>. Acesso em: 20 jun. 2017.

mas de formação escolar. A TV Cultura produz o *Telecurso* (1960) que visava a preparar os candidatos para o exame de admissão ao ginásio (5^a a 8^a séries) e o *Curso de Madureza Ginásial* (1969). Na TV Tupi, temos o *Vestibulando. E*, na TV Globo, o *Telecurso Segundo Grau* (1978).

Na década de 70, o destaque são as novelas. Na TV Globo, temos a novela *Minha Doce Namorada* que conquista o público jovem. E a novela *Meu Primeiro Amor* (1971), de Walter Negrão, as duas apresentadas no horário das 19 horas. A TV Globo tenta criar, neste horário, um hábito nos jovens de ficar em frente à televisão.

Na década de 80, segundo Vivarta (2004), os programas voltados para a juventude começam a ganhar novos formatos. Verifica-se uma maior preocupação com a seleção dos temas a serem abordados, com a produção dos cenários e a forma de dialogar com o público jovem. Entretanto, o aquecimento do mercado e programas de televisão para os jovens se acentuou nas duas últimas décadas, mais especificamente a partir de 1999, quando os jovens passam, assim, a contar com uma programação mais genérica, que trazem diversas temáticas de relevância social (Cf. VIVARTA, 2004).

Nesse contexto, segundo Vivarta (2004), a TV Cultura foi pioneira na produção de programas juvenis. *É proibido colar*, com estreia em 1981, destacou-se como uma das primeiras experiências da emissora nesse formato. Com o objetivo de

educar pelo entretenimento, o programa reunia alunos da rede pública de São Paulo para participarem de uma competição que envolvia jogos, brincadeiras e aprendizagens escolares. Na condução do programa, temos os apresentadores Clarisse Abujamra e Antônio Fagundes. Paralelo a esse programa, temos o *Quem sabe, sabe* (teste de conhecimentos gerais). Equipes de jovens universitários disputavam provas de conhecimento e criatividade. O programa estreou em 1981, permaneceu no ar oito anos e foi apresentado, em épocas diferentes, por Walmor Chagas e Randal Juliano.

Conforme destaca Vivarta (2004), a TV Cultura investe ainda em programas de auditório dirigidos especialmente ao jovem, mantendo, assim, a sua interlocução com esse público. Temos a produção do *Fábrica do Som* (1986), espaço para a apresentação de bandas musicais desconhecidas, como Titãs e Ira. Estas bandas assumiam uma posição de crítica à ditadura. Posteriormente, programas com tal perfil “praticamente desapareceram da tevê aberta brasileira, que resvalou por uma postura conformista e moldada segundo os interesses do mercado, divulgando apenas os artistas consagrados” (VIVARTA, 2004, p. 85).

Nos anos 90, segundo Vivarta (2004), a TV Cultura continuou a se destacar ao investir em profissionais que, até então, eram desconhecidos do universo televisivo. Uma das grandes contratações foi a do apresentador Serginho Groisman, que iniciou seu trabalho com mídia na Rádio Cultura. Ele apresenta o

Matéria Prima – programa que combina entrevistas, discussões e atrações culturais. É também apresentador do *Fala Garoto* – um programa em que os jovens podiam expressar livremente suas opiniões. No SBT, Serginho Groisman comanda o *Programa Livre*, com formato semelhante ao *Fala Garoto*. O programa se estrutura por entrevistas com especialistas e celebridades, além de atrações musicais. Seu foco era estabelecer uma interação da platéia jovem com os convidados. A emissora investe ainda no *Fanzine*, programa que debatia temas atuais e polêmicos.

Em 1994, temos a estreia da série *Confissões de Adolescente* que adota uma ótica feminina e põe em discussão questões relevantes para a formação e o processo de construção de identidade do(a)s adolescentes. Tal série foi exibida nos canais Bandeirantes e Multishow, sob a direção de Daniel Filho. Esse programa se baseou no livro *Confissões de Adolescente* de Maria Mariana. O seriado fica um ano no ar em sua primeira fase. Escrita e estrelada por Mariana Munez, narra o cotidiano de duas irmãs adolescentes. A segunda fase, na Rede Bandeirantes, mistura drama e comédia dos jovens adolescentes.

Em 1997, destaca-se o programa *A Turma da Cultura*, com apresentadores jovens como Cyntia Rachel e Luciano Amaral, que iniciaram seus trabalhos no programa *Castelo Rá-Tim-Bum*. Com a escolha desses apresentadores, o programa visava facilitar o diálogo com o público juvenil. A

Turma da Cultura caracterizou o modelo de programa televisivo marcado pelo viés educomunicativo.⁷

Substituindo a *Turma da Cultura*, temos o *RG*, programa diário e ao vivo com temáticas sobre a realidade brasileira. O programa teve como apresentadora Soninha Francine, revelada pelo *Barraco MTV*. Contudo, segundo Vivarta (2004), essa apresentadora perde seu contrato com a emissora ao admitir, em entrevista à revista *Época*, seu uso eventual de maconha. Desde então, a emissora começou a perder espaço no campo da programação juvenil, apesar de insistir em programas como o *Musikaos* – mistura de música e arte. Nos anos de 2002 e 2003, temos o *Fazendo Escola*, numa parceria entre a TV Cultura e a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. A proposta do programa era apresentar projetos realizados nas escolas paulistas. No estúdio, participam alunos, professores e especialistas em diálogo com a apresentadora Silvinha Faro. No Canal Futura, temos o programa *Sexualidade, prazer em conhecer* (2001-2003) – projeto de educação sexual para alunos do ensino médio. Série fechada com 20 episódios, ao longo dos quais jovens e professores debatem o tema entre si.



7 Educomunicação é o "conjunto das ações inerentes ao planejamento e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais e virtuais, tais como escolas, centros culturais, emissoras de TV e rádios educativas, centros produtores de materiais educativos analógicos e digitais centros de coordenação de educação à distância e outros" (SOARES, 2002, p. 16-25).

Ainda segundo Vivarta (2004), no final da década de 90, a TVE investe no diálogo com os jovens, através da experiência com o *Caderno Teen* (1998) – formatado como programa de variedades, liderado por Pedro Paulo Carneiro, com três apresentadores jovens: Léo Almeida, Geovana Cipreste e Renata Lessa. Mas, a principal atração da TVE foi o *Atitude.com* (2002), o programa é um composto de entrevistas com especialistas variados, espaço para bandas em início de carreira e apresentação de vídeos realizados por jovens.

No início dos anos 80, temos a experiência da MTV, que surge nos Estados Unidos, e logo se difunde em outros países, constituindo-se como espaço específico para o público jovem no contexto televisivo. A MTV vai revelando novas linguagens e formatos; investe num corpo profissional jovem; movimentava a indústria da música, sofisticando a linguagem do videoclipe. No Brasil, a MTV foi lançada em outubro de 1990. Entre suas experiências, temos *Barraco MTV* (1996) – programa que discutia temas como AIDS, trabalho, política, economia, violência e educação, apresentado por Astrid Fontenelle e, depois, Soninha Francine. Destaca-se, ainda, o *Erótica MTV* (1999), comandado pelo médico Jairo Bauer, com temas na área da sexualidade; e a série *Tome Conta do Brasil*, envolvida no debate de questões políticas. Em *Menina Veneno* (2001), a apresentadora Marina Person contracena com oito jovens e discute temas como beleza e homossexualidade. Em 2003, vai ao ar o *Buzzina*, abordando temas da atualidade, apresentado por Cazé Peçanha.

Quanto à Rede Globo, nos anos 80, tivemos *Armação ilimitada*, um seriado voltado para o público adolescente. Esse seriado estreou em maio de 1985, permanecendo até dezembro de 1988, misturava aventura e esportes, com apresentação em ritmo de videoclipe. Segundo Vivarta (2004), o diálogo da Globo com o público juvenil se aquece nos anos 90, com as minisséries e telenovelas para adolescentes. Essas passam a constituir um polo de diálogo da emissora com os jovens. Destaca-se a série *Anos Rebeldes* que desenvolveu novas interfaces no contexto da linguagem e do formato e das abordagens de temas sociais pela televisão. Em 1995, temos *Malhação*.⁸ Esse programa passa a investir em roteiros que manifestam uma maior preocupação com questões culturais e os aspectos humano-sociais dos jovens nas narrativas. Já no final dos anos 90, a Rede Globo coloca em cena o *Altos Papos*, veiculado como um quadro do *Fantástico*. Jovens de diferentes regiões do Brasil eram reunidos para discutir temas da atualidade, como AIDS, gravidez, opção profissional, política e economia. Atualmente, temos o programa *Altas Horas*, comandado por Serginho Groisman, que se caracteriza pela abordagem de temas político-sociais e outros, como saúde, literatura e educação. Os jovens da platéia, além de interagirem com entrevistados, têm a oportunidade de comunicar suas opiniões e/ou experiências, como público e protagonistas.

⁸ Este programa permanece até hoje. No ano de 2018, ganhou destaque pelo debate proposto sobre juventude e diversidade.

Vivarta (2004) destaca ainda programas como *Intimidação* (1999-2000) na Rede Vida, cuja proposta é de informação e entretenimento, com o debate de temas importantes do universo juvenil. Comportamento, sociedade, educação e cultura compõem sua pauta. O apresentador do programa foi Fabiano Augusto. Na Band, o destaque foi *Sobcontrole* (2002-2003), apresentado por Marcos Mion. O programa tinha como foco principal uma competição entre duas equipes, ao modo de gincana, ao lado de quadros especiais e apresentação de bandas. A proposta, além do entretenimento, visava estimular o envolvimento dos jovens nas causas sociais veiculadas. Na Rede TV, destaca-se o *Interligados Games* (2001-2003), com a apresentadora Fabiana Saba, também baseado numa competição entre duas equipes de estudantes.

No final dos anos 90, destacaram-se programas de cunho local (regional/estadual) que, podemos dizer, inauguraria um novo modo de produção: programas que têm, como produtores e protagonistas, os próprios jovens. Em Belo Horizonte, o programa *Rede Jovem de Cidadania* instaura esse formato.⁹

Na produção teórica do tema “juventude e televisão” – conforme histórico dos programas televisivos para jovens acima esboçados –, constatamos o cruzamento entre dispositivo televisivo e instituição escolar. No dizer de Fischer

9 Essa iniciativa está ligada à Associação Imagem Comunitária (AIC), ONG de Belo Horizonte que atua na promoção do acesso público aos meios de comunicação. A AIC constrói espaços na mídia para que grupos com poucas oportunidades de visibilidade se coloquem no debate público, fomentando, assim, a construção da cidadania.

(2006), os dois espaços de interação (TV e realidade) vão, aos poucos, se invadindo e suas interseções vão fazendo transparecer e/ou mesmo criando problemas, especialmente para a educação das gerações mais jovens. Um modo de entender isso é a compreensão de

como a presença da TV na vida cotidiana tem provocado importantes repercussões nas práticas escolares, na medida em que crianças, jovens e adultos (de todas as camadas sociais) aprendem modos de ser e estar no mundo (FISCHER, 2006, p. 18).

No mesmo sentido, Fischer (2006) nota como é de extrema importância o exercício pedagógico sobre o processo de produção dos dispositivos midiáticos.

Como exercício de selecionar determinados objetos – no caso, a televisão e seus produtos – e de transformá-los em documentos para função, investigação e pensamento, retirando-os por instantes daquele conjunto de objetos que olhamos “quase sem olhar”. Esse processo todo de ver e produzir imagens, no caso, imagens televisivas, existe como prática social, imerso que está em uma dinâmica econômica, política e cultural. E existe como uma linguagem do nosso tempo, como um modo de produzir, criar, imaginar, narrar histórias, sonoridades, cores, figuras, personagens, notícias. Também, certamente, como um modo de ensinar, vender idéias e produtos, convencer, sensibilizar, convocar (FISCHER, 2006, p. 57).

No capítulo a seguir, voltamos nossa atenção para o contexto histórico da ficção *Malhação*, programa televisivo sob o qual construímos e delimitamos parte da nossa análise. O capítulo se compõe de uma discussão sobre o conceito de gênero ficcional, buscando compreender a especificidade do programa *Malhação* no conjunto dos gêneros televisivos. A princípio, destacamos que, à sua maneira, as ficções seriadas televisivas sempre se relacionam e discursam sobre “coisas” que, de alguma forma, circulam nas sociedades que as constituem. Nas páginas seguintes, damos ênfase à ficção *Malhação*, programação televisiva voltada ao público jovem.¹⁰

¹⁰ *Malhação* é um projeto da Rede Globo idealizado por Emanuel Jacobina em parceria com Andréa Maltarolli.